

Um tempo sem programas e sem ministros

ESTADO DE SÃO PAULO

2 - AGO 1993

RAUL DREWNICK

02. *Econômica*

No velho e bom tempo, um ministro da Fazenda não causava meio por cento do estardalhaço que os de hoje provocam. Naqueles anos dourados, os chiques, os desmaios e a histeria eram produzidos pelos cantores do rádio (Francisco Alves, Orlando Silva, Silvio Caldas) e em torno desses astros é que girava a frenética movimentação da imprensa. Ninguém fazia muita questão de saber quem formulava a política econômica do País e, se alguém perguntasse ao ministro da Fazenda se ele era ortodoxo ou heterodoxo, a pergunta seria recebida com o devido espanto e com a reação mais do que natural: a intimidade do cidadão estava acima de tudo!

Planos não despertavam na época a obsessão que despertam hoje e ninguém sequer pensaria em ficar correndo atrás de uma pessoa só para tentar descobrir quais eram os dela. Aliás, nem valeria o



esforço, porque os planos, de modo geral, eram aquilo de sempre: produzir e poupar. Lembro-me, a propósito, do dia em que eu, então um garoto de 5 anos, ouvi meu pai dizer ao meu irmão mais velho que o importante na vida era exatamente aquilo: trabalhar e amearhar. Trabalhar eu já sabia o que era, porque minha família trabalhava muito, mas confesso que aquele amearhar soou aos meus ouvidos, na longínqua manhã, como algum ato obscuro, como uma bela safadeza...

Descobri, já quase adolescente, que amearhar era tão nobre quanto trabalhar. E mais difícil, embora muitos anos depois — num tempo de ministros da Fazenda mais estrelões do que os astros da TV — um órgão oficial tivesse a coragem de lançar uma cartilha na qual mostrava que, ganhando o salário mínimo, um sujeito podia pagar as despesas de alimentação, vestuário, higiene, educação, transporte, habitação e ainda guardar um tatinho por mês para o futuro...

Próspero tempo parece ter sido aquele, em comparação com o atual, se bem que o poeta Drummond já se refe-

risse, em um dos seus textos, a alguns sinais de empobrecimento. Contava ele uma conversa em que os amigos, preocupados com esses sinais, lhe diziam que, daquele jeito, ainda iam acabar tendo de pedir esmola. Ao que o poeta, já prevendo a democrática distribuição de miséria que viria logo depois, observou:

— Mas vão pedir esmola a quem?

Apesar de histórias como essa, andávamos melhor nessa época, quando não se falava tanto de planos. Trabalhávamos e, depois de trabalhar, íamos para casa felizes, em busca do lazer nosso de cada dia, ávidos pela nossa novelinha, sequiosos pelo nosso futebolzinho. Nesse tempo, os episódios eletrizantes e os lances sensacionais não eram interrompidos bruscamente, como agora, para o locutor informar ou que o ministro da Fazenda não é mais aquele que entrou anteontem e cujo nome ainda nem conseguimos decorar, ou que aquele programa que o infeliz ainda nem chegou a anunciar não está valendo mais.

Vieram a seguir os tempos de loucura econômica desatada e, nesse clima de agita-

ção, passamos pelo Cruzado, pelo Cruzadinho, pelo Verão e por outros tantos, antes e depois. Agora o quente é o tal FHC, que na primeira leitura eu supus que fosse um novo inseticida (terrível contra a inflação, inofensivo para você). Brincadeira à parte, este plano tem pelo menos a vantagem reconhecida de não vir com um choque e de não inventar mirabolâncias.

Embora, desde que se começou a falar no FHC, eu tenha — na TV, nos jornais e nas revistas — visto menos Malu Mader do que eu desejaria e mais Fernando Henrique Cardoso do que eu gostaria, declaro aqui minha simpatia pelo ministro. Sou acompanhado, neste voto, por um amigo meu, anarquista convicto. Empolgado com a modéstia do ministro, que sempre garante não estar pensando em pacotes nem em medidas retumbantes, ele acredita que este possa ser o primeiro passo para um tempo sem programas e até sem ministros. Porque, filosofa ele, se é para andar como temos andado, sempre de marcha à ré, o melhor plano é não haver plano nenhum.

■ Raul Drewnick é jornalista.